

ENTREVISTA A Fronteira tem rosto de Mulher

Sônia Jeanjacque

Ramiro Esdras Carneiro Batista⁹³

Evangelina Sônia dos Santos Jeanjacque tem 33 anos de idade e gosta de se apresentar como uma mulher indígena e professora de seu povo, os *Galibi-Kali'nã-Tilewuyu*. Nascida na aldeia São José dos Galibis (Terra Indígena Galibi – município de Oiapoque/Amapá), Sônia também é mãe, empreendedora social, estudante de direito na UNIFAP (Universidade Federal do Amapá) e parecerista do CCPIO (Conselho de Caciques dos Povos Indígenas do Oiapoque). Indígena-mulher, acadêmica e pesquisadora-militante, Sônia divide com os leitores do Caderno 4 Campos, nesta entrevista, um pouco de sua trajetória, lutas e impressões das mulheres indígenas em movimento na fronteira franco-brasileira⁹⁴.

⁹³ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Colaborador no Diretório de pesquisa *Cidade, Aldeia & patrimônio na Amazônia* (UFPA-CNPq).

⁹⁴ A construção linguística e as características da fala da entrevistada não são objetos de investigação, motivo pelo qual o discurso transcrito foi editado, em conjunto com a entrevistada. A entrevista foi realizada no modo remoto, em atenção aos protocolos sanitários.

Figura 2 – Sônia Jeanjacque. Foto: Arquivo da entrevistada (2022)



Ramiro Esdras – Sônia, em nome dos editores do Caderno 4 Campos, agradeço por conversar conosco. Vou começar com uma provocação a respeito do feminismo indígena. Pode nos dizer alguma coisa sobre as mulheres indígenas (ou indígenas mulheres) em movimento na fronteira Oiapoque? Podemos falar de um feminismo indígena, feminismo da diferença ou comunitário? Ou essa terminologia não lhe parece interessante?

Sônia Jeanjacque – Eu agradeço a oportunidade, professor! Fico honrada com o convite. Na verdade, a palavra feminismo é discutida de formas diferentes por cada povo, não é? Posso falar pelo meu povo, por minha aldeia. Na verdade, existe um Cacique, mas junto com ele existe um grupo de mulheres que são consultadas para que os líderes tomem as decisões. Entre meu povo, as mulheres estão juntas no momento das decisões. No caso, as mulheres sempre são consultadas, então elas têm o momento de fala muito igual ao dos homens, por isso que eu falo que homens e mulheres não precisam estar competindo sobre quem é melhor, ou quem é mais líder, não! Cada um tem o seu lugar e o seu momento de fala. Desde que saibam lidar com isso, tudo bem. Mas, eu falo isso enquanto povo *Kali'nã*. A gente sabe que existem lugares em que as pessoas são totalmente machistas, em que as mulheres não têm o seu lugar de fala respeitado. Eu acho que varia de povo para povo, de região para região. Mas, o movimento de mulheres indígenas no Oiapoque vem de longe, só que agora é que está tendo visibilidade. No Oiapoque o movimento de mulheres vem desde os tempos de luta da Vovó Xandoca, do Padre Nello, da Irmã Rebeca. Então a AMIM (Associação das Mulheres Indígenas em Mutirão) de hoje é o fruto e ao mesmo tempo o local de fortalecimento dessas lutas das mulheres.

Ramiro Esdras – Do feminismo ao associativismo agora, já que você mencionou a Associação de Mulheres Indígenas. Percebe-se no Oiapoque atual uma profusão de novas associações indígenas, as quais tem se consolidado inclusive em termos jurídicos. Como você vê a criação de novas associações com recortes tão distintos? E mesmo o surgimento de novas modalidades de associativismo entre pessoas que partilham do mesmo território ou comunidade, mas ora se concentrando, ora se dividindo em torno de temas diferentes? O que pode nos dizer sobre isso?

Sônia Jeanjacque – É o seguinte: eu vejo a multiplicação de associações como um jeito de fortalecer a luta. É preciso e necessário ter um espaço de associação geral, eu acho necessário, claro! Mas, na verdade, existem as demandas por povo. Existem demandas gerais e demandas por povo, preocupações que são específicas das mulheres, por exemplo. Não acho que ampliar as associações seja um enfraquecimento da unidade indígena e sim um fortalecimento, um fortalecimento da luta. Até porque se a gente bem prestar atenção, antigamente a gente tinha a APIO (Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque) que representava todos os povos, mas aquele foi um momento, muita coisa mudou de lá para cá. É assim: as demandas indígenas são outras agora. A sociedade precisa entender que os povos indígenas vivem no tempo presente, que a mudança faz parte de nossas vidas como qualquer povo em qualquer outro momento e lugar. Há necessidades que são de cada povo, de cada região e é bem mais fácil discutir isso especificamente, na comunidade, para depois levar ao geral. Acho que é muito nessa linha de pensamento. As demandas indígenas mudam conforme o caso, conforme muda a nossa relação com a sociedade nacional. E quanto às acusações de alguém que não está associado ao seu povo, isso depende muito do estatuto, do acordo feito em cada comunidade, regimento interno, essas coisas que são mais burocráticas. Mas, eu não vejo um erro aí. Cada povo é um povo. Por exemplo, entre o meu povo *Galibi* existem pessoas do povo *Karipuna* e do povo *Galibi Marworno* e eles estão associados com a gente, então isso não diferencia, depende de como essas pessoas estão inseridas dentro daquele povo lá, ou de qual é o recorte da associação, qual é o dia a dia deles. Se vivem entre outro povo, qual é o problema em se associarem na comunidade e junto com o povo onde vivem atualmente? É um falso problema, não é? Eu posso citar que na terra indígena *Galibi* nós temos *Karipuna* morando conosco, que é uma pessoa que foi viver junto aos *Galibi*, não é? Nesse caso, essas pessoas não foram se associar entre os *Karipuna*. É a mesma coisa de pessoas do povo *Galibi Marworno* que estão morando entre meu povo. Nada impede de eles estarem associados junto com a gente, porque estão morando na mesma comunidade. Na verdade, tudo é definido pelo vínculo que cada um tem com determinado povo. Acho que por influências externas acabam criando problemas onde eles não existem.

***Ramiro Esdras* – Sônia, a passagem de *Ghãmun Xandoca* para o mundo dos ancestrais foi muito marcante. Eu fiquei emocionado quando vi uma menção ao passamento dela**

em uma ata do Senado Federal feita, salvo engano, pelo *Capiberibe*-pai. Foi nessa ocasião que eu descobri que você é neta dela. Você sempre soube que era uma mulher indígena ou descobriu isso em algum momento de sua vida? Quem são as mulheres que inspiram sua trajetória, além de Dona Xandoca?

Sônia Jeanjacque – As pessoas, as mulheres que me inspiraram na verdade foram as mulheres de meu cotidiano. Eu cresci na Aldeia *Galibi*, mas nos períodos de férias a gente ia para casa da vovó na Aldeia Santa Izabel, então, assim, eu sempre tive nos dois lugares, no caso tive acesso à educação *Kali'nã* e a *Karipuna*. Hoje a minha inspiração vem muito pela minha mãe, porque ela era uma pessoa muito nova e muito batalhadora. Minha mãe morreu jovem. Ela estudou até a sexta série. Nós éramos cinco irmãos, do mesmo pai e da mesma mãe. Nós somos, no caso, cinco irmãos, e minha mãe sempre trabalhando na roça, trabalhando como artesã. E ela era... Ela também trabalhava na escola como merendeira, então ela se dedicava a essas três funções: o trabalho na escola enquanto merendeira; o trabalho na roça, porque ela sempre precisou da roça para manter a gente com saúde, manter a família; e, também, desenvolvia o trabalho de artesanato porque era uma renda extra. Então, assim, a minha principal inspiração é ela. Engana-se quem pensa que as mulheres indígenas são frágeis. Isso não é verdade. Minha mãe cuidou dos cinco filhos. Cuidando de não ser dependente de ninguém, a não ser do trabalho dela, porque ela era uma mulher, vamos dizer assim, multi uma mulher múltipla porque ela sabia trabalhar na roça, sabia pescar, sabia fazer farinha, ela sabia fazer todos esses trabalhos, mesmo aqueles considerados “trabalhos de homem”. Então ela se desdobrava em muitas tarefas para sobreviver e cuidar da gente, então... E aí, eu percebo muito que ela tem essa linhagem de força da minha avó, da Vovó Xandoca que também precisou trabalhar muito para sustentar os seus filhos. É... Tem a minha avó por parte de pai também que sempre me ensinou os costumes *Kali'nã*, no caso, o que poderia ser feito ou não pelas mulheres, quando e onde, os cuidados das mulheres, na verdade. Também tem a tia Margarete, irmã do meu pai. Essas foram as mulheres com quem eu tive vivência e aí se hoje eu faço o que posso, se me desdobro, se procuro fazer um bom trabalho em diferentes áreas, me aperfeiçoar cada vez mais nos estudos... É. Também posso dizer que a minha inspiração agora são minhas filhas, meus filhos, no caso. São três meninas e um menino, é por eles que eu faço isso, que eu não me permito sossegar. É por eles que eu busco uma melhor qualidade de estudo e de

escola. É por eles que eu busco cuidar do território, busco o cuidado com a limpeza de nossa demarcação para manter nossos territórios íntegros, os cuidados com a saúde. Tudo isso é porque eu sei que a gente precisa trabalhar e cuidar desses espaços, desses locais para a geração futura. Não podemos descansar enquanto a saúde de nosso território não estiver assegurada. São eles, é por eles e elas. Desde pequena eu cresci sabendo que eu era uma mulher indígena. E cresci sabendo que eu era de dois povos diferentes. Então isso nunca representou uma dificuldade para mim. Quanto à cidade de Oiapoque, a gente sabe que é uma cidade que tem um número muito grande de indígenas, mas a gente sabe também que é uma cidade, é, como eu posso dizer? Que é uma cidade muito preconceituosa, um lugar de muito preconceito, a gente sabe disso. É... Quando criança eu não me lembro de passar por nada parecido com preconceito. Eu precisei sair da aldeia cedo, com 11 anos, para ir estudar na cidade e eu não me recordo em nenhum momento que eles tiveram algum tipo de preconceito comigo, não mesmo. Na verdade, eu comecei a sentir o preconceito depois de grande. Ou talvez eu tenha sofrido, mas não entendia na época que era preconceito. Depois que a gente começa a estudar, saber mais, a gente pôde entender como o preconceito se esconde e como ele se mostra, ou o que pode ser uma forma de preconceito, não é? Então, assim, eu vim perceber o peso do preconceito depois de adulta, já na graduação, principalmente na graduação. Quando a gente começa a ter uma visão mais ampla das coisas e a gente se depara com algumas situações, na instituição, por exemplo, a gente sabe que ali onde a gente está estudando, ali, de alguma forma, tinha ou tem certo preconceito em relação à gente, enquanto pessoas indígenas, estudantes indígenas, um preconceito que alguns chamam de institucional.

Ramiro Esdras – Já que mencionou o preconceito e o racismo institucional, eu pediria que você falasse um pouco mais sobre os indígenas e a universidade. Você se formou como professora indígena em nível superior. Depois de ter concluído com sucesso a graduação em Licenciatura Intercultural Indígena, você resolveu voltar para a universidade e cursar Direito. Pode nos dizer alguma coisa sobre o seu retorno para a universidade? Por que o Direito? Por que a universidade é importante para as pessoas, indígenas e não indígenas?

Sônia Jeanjacque – Eu sempre quis voltar para a universidade, eu sempre quis fazer outra graduação. Também, o fato de eu ter feito a Intercultural, é... foi muito importante, abriu muito, é... abriu muitas possibilidades. Eu já sabia um pouco o que eu queria e só veio fortalecer aquilo que eu já tinha em mente. Por exemplo, assim, estudar Direito sempre foi o meu sonho, desde criança, eu lembro que eu pegava a Constituição e eu gostava de ler, eu não entendia nada daquilo, mas eu queria ler, é. E aí primeiro eu tive a oportunidade de fazer o Intercultural, fiz e comecei a trabalhar. Tive a oportunidade de trabalhar por cinco anos na sala de aula, ainda. Aí parei, não quis mais o contrato de trabalho. Fiquei dois anos parada e aí, quando surgiu a oportunidade de fazer um novo processo seletivo para tentar o curso de Direito, eu fiz... E assim, quando eu tive a oportunidade de fazer o processo seletivo de novo eu fiquei muito em dúvida entre fazer qual o curso, tentar o vestibular para Direito como primeira opção e a segunda opção era... Ciências Biológicas. Tanto que foram essas as minhas escolhas, porque sempre foram coisas que eu gosto muito: as leis e a natureza, com Ciências Biológicas, eram as coisas que eu tinha interesse em fazer, que me faziam querer voltar para a universidade. A universidade é um lugar que permite que a gente encontre o caminho para realizar os nossos sonhos, é importante para todas as pessoas, independente da origem delas. Mas, o que me fez focar na opção para Direito foi justamente o que testemunhei no processo seletivo, tudo o que ocorreu ali naquele processo que foi dirigido a quilombolas e indígenas. E o olhar com que a própria universidade via, lançava sobre a população indígena e os povos quilombolas. Você sabe que universidade vem de universal, é uma coisa assim, que está dentro de vários contextos, então assim: como é que um local de domínio público que seria de acesso universal tem um olhar completamente diferente de uma realidade? Como é que uma universidade, um campus que praticamente está dentro de um território indígena tem um olhar desses? Então isso é muito complicado. Foi muito triste, na verdade foi muito triste de ver. E assim a gente pôde perceber que aquele processo seletivo foi muito desgastante para todos nós. Então nesse momento e dentro desse processo eu percebi que a gente precisava ter mais indígenas formados em Direito, que precisávamos de mais pessoas entre nós que tivessem um entendimento maior das leis, porque a gente não consegue avançar sem elas... entendendo, sabendo os caminhos que a gente precisa seguir para efetivar nossos direitos. Então é bem complicado, e aí foi bem complicado todo esse processo que mostrou como as pessoas são, como eu poderia dizer? Como são enganadas, equivocadas a respeito dos povos, das populações tradicionais, porque as instituições são feitas por pessoas que trabalham. E isso só fez mostrar que eu tinha que...

que a gente tinha de ocupar esses espaços e ocupando esses espaços, posteriormente, a gente pôde contribuir mais com a população indígena, aliás, não só com a população indígena, não é? Mas com todos aqueles e aquelas que precisam de uma forma geral... aqueles que são... aqueles que muitas vezes são invisíveis aos olhos do Estado, invisíveis aos olhos das políticas públicas, que... por mais que tenham políticas públicas elas não são capazes de alcançar e serem alcançadas totalmente. Então é bem essa a nossa situação.

Ramiro Esdras – O que você pode dizer sobre as imagens que os não índios projetam sobre os povos indígenas, na atualidade? Como você vê a presença massiva de pessoas indígenas nas redes sociais? A exemplo disso, vimos o brilhantismo da participação de uma de suas parentes na COP-26 (Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas/2021), a Txai Suruí e uma grande delegação feminina... e você mesma tem sido muito demandada nisso, não é? Em contribuir para diferentes eventos virtuais em diferentes áreas do conhecimento.

Sônia Jeanjacque – É... assim, eu vejo que as redes sociais são muito importantes... para dar uma visibilidade maior em relação às questões indígenas... É claro que tem seus prós e contras, porém, eu acho assim, que essa demanda da questão indígena, ela está bem mais visível, bem mais visível mesmo, muito em consequência da internet. Então, assim, ao mesmo tempo em que a população indígena é demandada na internet para falar... para falar sobre as suas realidades, os seus problemas, as situações do seu dia a dia, porque isso se diferencia a partir de cada território, de cada povo, de cada região, enfim... ao mesmo tempo, ela também, a população, a pessoa indígena também é atacada pela internet. Então, assim, são duas coisas, são duas situações, vamos dizer: são dois pontos que a gente precisa equilibrar aí. A gente sabe que esse espaço virtual nunca vai ser perfeito, e a gente sabe que tem que tomar todo o cuidado. Quanto à parenta Suruí, ela teve uma visibilidade muito grande e importante, também por causa da internet, não é? Sobretudo por causa das organizações indígenas. Estamos muito organizados. Não que antigamente não fosse organizado, era sim, mas, devido à internet (voltamos à internet), elas, as organizações indígenas, conseguem ter seus canais, ter seus sites, ter uma página nas redes sociais e conseguem dar visibilidade aquilo que está acontecendo no dia a dia, não é? Então eu acho

desse jeito. É importante a internet? É. Para colocar em pauta toda essa discussão, toda a dificuldade que a população indígena vem sofrendo com o atual governo, não é? E, também a gente sabe, por causa dos perfis falsos que tem e acabam também disseminando, ajudam a disseminar notícias falsas, ajudam a disseminar os ataques às pessoas indígenas, contra a população indígena, contra aquele que vai e fala mesmo da realidade do seu povo. São perfis que continuam distorcendo a imagem dos povos indígenas, dos nossos movimentos a favor da vida. É mais ou menos nessa linha a minha fala, a internet é boa, mas é ruim. Precisamos ter cuidado.



Figura 3 – Palestra “Os desafios para permanência do estudante indígena na educação superior”, realizada em 7 de junho de 2021 como atividade da 5ª Semana Indígena do Campus Pedreiras e IV Jogos da Semana Indígena (IFMA). Fonte: Captura de tela (2021)

Ramiro Esdras – Você falou antes da necessidade de cuidar da saúde do território... Mesmo a história colonizada das Guianas reconhece seu povo como originário da Costa Caribe. Atualmente, o território de vocês está dividido pelas fronteiras produzidas nas possessões coloniais. Isso faz com que os *Galibi Kali'nã* se relacionem com distintos sistemas educacionais na Venezuela, Guiana inglesa, francesa e, também no Brasil. Você pode nos dizer algo sobre as diferenças entre a educação escolar dirigida a povos indígenas no Brasil e na França, para citar os exemplos mais próximos?

Sônia Jeanjacque – Quando a gente fala de educação, fronteira, eu sempre lembro que aprendi muito com o meu parente Alexis Tiouka, ele sempre dizia que, na verdade, nós somos um único povo e que a fronteira criada pelos não índios nos separou, não é? Como o

senhor mesmo citou - Brasil, Guiana Francesa e Suriname - são três fronteiras que dividem um único povo. Estamos tão divididos, mas ao mesmo tempo tão juntos... eu fico pensando. E, talvez a única diferença seja a fronteira. Quando se fala de Brasil e Guiana Francesa, em educação, eu acho que a educação no Brasil é totalmente diferente do lado francês, guianense, não é? Até porque... o Brasil reconhece os povos indígenas. Na Guiana Francesa não, são todos franceses, e aí tem toda uma diferença que a gente percebe, e essa diferença está nos estudos também. Uma vez, assistindo a uma palestra do meu parente Alexis Tiouka... que nos falou junto com o Benoit, junto com o Waddy Benoit, eu lembro que eles falavam que teria muito que avançar ainda nas questões dos povos tradicionais na Guiana. Então eu acho que nessa parte, o Brasil, apesar de ter estagnado em muita coisa, é em muitos assuntos, em muitos detalhes ali de políticas públicas específicas, um pouquinho à frente nessa questão de direitos indígenas, não é? Aqui a gente pode ter uma educação indígena diferenciada, específica, de acordo com... de acordo com o que manda a nossa Constituição, as resoluções, as leis e lá do outro lado, a gente pode perceber assim, pela fala deles, que não existe isso. Então, de certa forma, a gente pode dizer que o Brasil é um pouco adiantado, talvez, em relação aos outros países da fronteira norte. Então, assim, é uma coisa para se pensar, essa questão, da educação escolar do lado brasileiro, das características da educação do lado francês, dessas diferenças guianenses, no caso.

Ramiro Esdras – O assunto inevitável, Sônia: povos indígenas e pandemia. Sei que pessoas entre seu povo e na sua própria família foram contaminadas e, a exemplo de todos nós, você experimentou de muita angústia por isso. O que pode nos dizer sobre a COVID-19 e a atuação do Estado brasileiro?

Sônia Jeanjacque – Quanto ao, a COVID, eu acho que o Estado em si foi muito negligente na falta de políticas públicas para combater, falta de vacinas, uma falta de compromisso do governo em ter profissionais. A gente pode perceber que mudaram tantos ministros da saúde em um único período no ano passado. Em momento algum ele (o governo) estava dando prioridade para a saúde, porque ele queria pessoas que estivessem ali de acordo como o que ele falasse e não do que o Estado tinha que fazer. E assim, com a saúde indígena, não foi diferente não. Eu pude perceber um pouco e vi que todos sofreram, na verdade a doença

chegou e pegou todo mundo de surpresa, não é? E eu acho que só não houve mais mortes porque muitas dessas pessoas usaram a medicina tradicional. Todos os povos lançaram mão de sua sabedoria tradicional, as suas sabedorias, de proteção do território e eu acho que isso evitou mais mortes. Porque, se dependesse do Estado mesmo, a situação estava mais difícil, muito mais mortes, no caso. E faltou sim, faltou muito, muito a atuação do Estado, eu posso dizer. Aqui mesmo no município de Oiapoque muitas pessoas precisaram ser removidas de ambulância porque, é... não foi disponibilizado avião, não tinha avião para atender. E com o estado de nossas estradas, imagina como essas pessoas foram atendidas? Não tinha um avião, não tinha oxigênio para todo mundo, ou seja, a COVID só escancarou o quão despreparado o Brasil está em questão de saúde pública.



Figura 4 – *Kali'na* in Guyane. Foto: Alexis Tiouka (2020)

Referências

Benoit, W. M. C. 2021. *Le bord du Oyapock* – 1ª Ed. Belém: Folheando.

BRASIL. Ministério Público Federal. 2021. *Povos indígenas: prevenção de genocídio e de outras atrocidades* – Brasília: MPF, 386 p. Disponível em <https://anpr.org.br/images/2021/08/Livro_Povos_Indigenas_Prevencao_de_Genocidio_e_Otras_Atrocidades_4_ago.pdf> . Acesso em 16, dez. 2021.

Collomb, Gérard & TIOUKA, Félix. 2000. *Na'na Kali'na: une histoire des Kali'na em Guyane*. 1ª Ed. Matoury, Ibis Rouge Editions.

Sampaio, Paula Faustino. 2021. *Indígenas mulheres entre colonialismos e resistência de longa duração – séculos XX e XXI*. Teresina: Cancioneiro.